

Chamados para fora: a igreja evangélica nos *flash mobs* na cena carioca¹

Victor Henrique Justino FRANÇA²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir a apropriação do espaço público pelas igrejas evangélicas como estratégia de comunicação da mensagem evangelística, na cena internacional e brasileira, que se utilizam de atividades performático-musicais, os *flash mobs*. Para tal, inicialmente, procurar-se-á definir o termo igreja e *flash mob*, na intenção de relacioná-los. Centralmente, analisar-se-á desde o panorama pelo mundo até uma peça audiovisual, como estudo de caso, sob o olhar das ciências humanas, de um *flash mob*, realizado em co-autoria, envolvendo três igrejas de denominações díspares, no bairro de Campo Grande (Zona Oeste), bairro mais populoso da cidade do Rio de Janeiro (IBGE, 2010). Sob o olhar da cultura gospel (CUNHA, 2008), será observada a apropriação da rua pelas igrejas evangélicas, desempenhada pelos *flash mobs*, como intenção enunciativa de comunicar as boas novas.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; igreja evangélica; flash mob; rua; Rio de Janeiro.

1. INTRODUÇÃO – CONTEXTUALIZAÇÃO, TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO

O ambiente é de cidade. Rio de Janeiro. A cena carioca para o Brasil e para o mundo é de polifonias, polissemias e policulturas. Adentrando mais à cidade e conhecendo outros espaços que fogem ao eixo turístico citadino, podemos conhecer Campo Grande. E para ser mais específico, o calçadão desse bairro do Rio. Lugar de passagem. Passagem de culturas também. Todos os dias duplas sertanejas, artistas latinos e indígenas, cantores independentes, “estátuas-vivas”, e diversas agremiações evangélicas se apropriam desse espaço, em signos diferenciados e plurais, para comunicar.

¹ Trabalho apresentado na X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em São Paulo, SP, 27/8/2015.

² Graduando em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: victorfranca@live.com.

A título de contextualização, o calçadão de Campo Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro, é considerado um dos redutos onde se congregam diversos operadores varejistas, atraindo, por mês, cerca de três milhões de pessoas de diversas partes da cidade, de acordo com estudo da Aliance Shopping Centers. Segundo o Censo Demográfico do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010, Campo Grande é o bairro mais populoso da cidade do Rio de Janeiro, com 328.370 pessoas.

Dada a ebulição geográfica e cultural, avaliar como as igrejas evangélicas têm se apropriado do espaço público como estratégia de comunicação para seu fim evangelístico – e, nesse caso, falamos do *flash mob* – se torna relevante. Como afirmei anteriormente no artigo “Comunicação, mídia e entretenimento na cibercultura: o gospel dentro e para além dos muros da igreja”³, a pirotecnia e a inventividade no meio evangélico pode, em uma primeira análise, representar uma certa tensão e, muitas vezes, até agonia: “como a Igreja pode viver e conviver na e com a pós-modernidade” (FRANÇA, 2014: 5)? Todavia, muitas das inovações se interpelam na finalidade de se comunicar “as boas novas”, em multiplataformas, acompanhando, “naturalmente”, a sociedade, tornando razoavelmente oca a crítica acirrada sobre – como alegam – a igreja estar *adentrando* à “mundanidade”. Mas o que seria “mundanidade”? Quem atribuiu à “mundanidade” as tecnologias e inovações que quaisquer sociedades estão submetidas em todos os níveis? Quais seus limites? Quem pode se utilizar de inovações? Quem determinou essas demarcações?

Assim – para além da repetitividade teórica contemporânea de que a cultura ou movimento gospel empregaria esforços tão-somente no dueto consumo/entretenimento –, é conveniente, para se introduzir ao percurso do trabalho, jogar luz sobre uma das passagens bíblicas emblemáticas do período neotestamentário, confiando à igreja o papel de comunicador do evangelho (“*the good news*”, na New International Version): “E disse-lhes “Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas”” (Marcos 16.15⁴).

Para o Dicionário da Bíblia de Almeida, o verbete “igreja” pode ser assim definido: “1) Grupo de seguidores de Cristo que se reúnem em determinado lugar para adorar

³ FRANÇA, Victor Henrique Justino. Comunicação, mídia e entretenimento na cibercultura: o gospel dentro e para além dos muros da igreja. In: IX Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), 2014, Londrina, PR. Anais do IX Eclesiocom. São Bernardo: UMESP, 2014. v. 2.

⁴ Da Nova Versão Internacional (NVI); vide referência bibliográfica.

a Deus, receber ensinamentos, evangelizar e ajudar uns aos outros. 2) A totalidade das pessoas salvas em todos os tempos”. Já no senso comum eclesiástico – apesar de não ser unanimidade e haver discordâncias aqui e ali quanto ao real significado do verbete –, tem-se que “igreja” traduz o vocábulo grego *ekklesia*, que deriva de *ek*: “para fora” e de *kaleo*: “chamar”. Para o autor do blog Arqueologia e Teologia, no entanto, “assembleia” seria a melhor tradução. “Chamados para fora” ou “assembleia” – a rua pode ser a assembleia –, a igreja deve se lembrar de sua essência, citada no texto bíblico em Marcos 16.15.

Paralelamente, podemos definir o *flash mob* como uma espécie de mobilização de pessoas que se reúnem em determinado local, normalmente um espaço público, a fim de impregnar alguma mensagem aos espectadores, de forma explícita ou implícita. São combinações performático-musicais, ensaiadas anteriormente, para que sejam executadas momentaneamente no dado local. Por seu caráter instantâneo e com duração média de até 10 minutos, chama a atenção do público justamente por dissolver a realidade citadina da hipervelocidade, encontrando no *flash mob* seu espaço de lentidão na cidade (FERNANDES, 2012).

Como norteia LUCAS (2005):

Os Flash Mobs são a criação de um mundo à parte no espaço urbano, é um rompimento ainda que instantâneo com a ordem da cidade. Os mobbers destroem, mesmo por um momento, a lógica que rege a vida urbana, desobedecendo a hierarquia de lugares e a rigidez do tempo da produção. Ao abandonarem o lugar escolhido, é provável que os integrantes levem com eles a sensação de rompimento da lógica moderna, promovendo a revitalização da esfera pública social (...) (p. 152)

2. O FLASH MOB COMO COMUNICADOR – PANORAMA

Não é tarefa difícil encontrar pela internet vídeos e mais vídeos de *flash mobs* realizados por igrejas evangélicas. São dezenas. Também já foram espaço para muitas dessas manifestações instantâneas além do Rio de Janeiro (RJ), as cidades de São Paulo (SP), Cabo Frio (RJ), Salvador (BA), Marília (SP), Campinas (SP), e também as cidades

estrangeiras Budapeste (Hungria), Palermo (Itália), Cidade do México (México), Cartagena (Colômbia), Bern (Suíça) e as do estado de Texas (EUA): Houston, Kingwood, Pearland, Cypress e Katy.

Para a produção desses *flash mobs* é comum o investimento financeiro com equipamentos de som de alta potência (para utilização no dia da apresentação da performance) e vídeo, nem sempre em alta qualidade (para irradiação no ciberespaço, utilizando, Às vezes, equipamentos como câmeras em alta definição e gruas) e, principalmente, de tempo para os ensaios, que demandam atenção, dedicação e envolvimento com a proposta comunicativa enunciada. Além disso, frequentemente eles são organizados pelos departamentos de dança das igrejas, que já coreografam canções dominicalmente no espaço cúltico. Inclusive as movimentações corporais lembram muito as que são executadas no ambiente eclesial. O protagonista da mobilização instantânea é a figura do jovem contemporâneo, mesmo que com *mobbers* com idade mais superior ou inferior.

O início dos *flash mobs* tende a jogar luz sobre uma figura que durante pouco tempo coreografa o começo da canção ou até mesmo seu prelúdio, como se observa na Figura 1. A atuação por uma figura ou por um grupo pequeno no começo do *flash mob* tem ação desterritorializante/desterritorializadora da cidade, quebrando o regime do fluxo urbano, chamando a atenção para a mensagem que se deseja passar; neste caso, as boas novas.



Figura 1 - Foto: Reprodução. No início do *flash mob* realizado pela Second Baptist Church – Houston, Texas (EUA), uma mulher concentra as atividades da dança, até que a música se “desenvolva” e os demais participantes se ajuntem para que o *flash mob*, de fato, comece ou ganhe força.

2.1. Pelo mundo

No *flash mob* realizado na cidade de Budapeste (Figura 2), uma música específica foi criada para condiciona-lo.

Letra: Shelly Matos

(...)

A light dawned that Sunday Morning
It broke through the boundaries of time
Hearts start shining, calling to all mankind
Lets celebrate eternal life

(...)



Figura 2 – Foto: Reprodução. Mais de 1300 frequentadores da Faith Church Budapeste (Hungria) protagonizam *flash mob* realizado na Páscoa de 2010. Intitulado “Resurrection Sunday Dance”, o *flash mob* foi realizado na praça central da cidade de Budapeste e teve duração de pouco mais de cinco minutos. Crianças, adolescentes, adultos e idosos participam da experiência performática.

Nas performances realizadas nas demais cidades estrangeiras – que inclusive admitem ter se embasado na experiência de Budapeste⁵ –, a canção predominantemente utilizada para embalar os *flash mobs* foi – e continua sendo – “Rise Up”, música também especialmente criada para *flash mobs* pela Second Baptist Church, em parceria com a cantora evangélica Lauren James Comey.

Rise Up
(Second Baptist Church feat. Lauren Comey)

This is a celebration
We’re calling out to every nation
To spread the word that Jesus is alive!
We’re people of His kingdom,
His resurrection is our freedom
For every heart, every tongue, and every tribe

We will dance for the One that shines brighter than the sun

⁵ No hot site para o *flash mob* realizado pela Second Baptist Church – Houston, Texas (EUA), existe uma nota que diz “This event was inspired by our fellow believers in Budapest” (Este evento foi inspirado por nossos irmãos em Budapeste), conferindo ao panorama de *flash mobs* a imagem dialógica entre os evangélicos pelo mundo, imprimindo unidade em meio à diversidade.

*We lift our eyes up and rise up
We will rise up
He's alive, he's alive inside us and we will rise up!
We claim the victory, he won on calvary, celebrate the King of Glory
So rise up; people of the Lord rise up!*

We're filled with holy fire,
Lifting His name is our desire
And this we know His Spirit-is in this place
Let nothing stand between us.

We, carry the love that has redeemed us, he, is life-abundantly given-to
us in grace

2.2. Pelo Brasil

Nas cidades brasileiras, os *flash mobs* realizados pelas igrejas evangélicas tendem a contar com menos produção de vídeo que os estrangeiros, conforme observação. São mais espontâneos e refletem muito do que o brasileiro passa à imagem turística internacional – de ser um povo alegre, a despeito das mazelas cotidianas. Além disso, acontecem normalmente em espaços de maior passagem de pessoas.



Figura 3 - No *flash mob* realizado em Salvador (BA), jovens se concentram no Terminal Rodoviário da cidade. A canção escolhida foi “Vida de Deus”, de Mariana Valadão.

A maioria dos *flash mobs* gospel disponibilizados no Youtube é embalada pela música “Sonho de Cristo”, escrita pelos cantores Anderson Freire e Aline Barros e interpretada por essa última.

Sonho de Cristo

(Intérprete: Aline Barros. Letra: Aline Barros e Anderson Freire)

Despertam aqueles que dormem
As almas aflitas gritam por amor
Nós somos geração eleita
O dever nos chama
Digam: Eis-me aqui, Senhor

Nossa juventude tem a força
Que os fracos precisam
Nossa juventude tem a cura
Que os homens procuram
Nossa juventude tem a paz
Que as guerras não frustram
Cristo está vivo em cada um de nós

*Vem, viva o sonho do Senhor
Vamos pregar o Seu amor
Somos a geração que
Neste tempo Ele levantou*

Vamos incendiar essa nação
Vivendo o amor e o perdão
Cantando bem alto que
Jesus, Jesus é a salvação

Já não vivo eu, mas Cristo vive em mim
Ele me escolheu, e por esta causa eu vou até o fim
Quero ver, quero ver
O amor de Deus tocar você
Cante comigo:

*Yeah! Yeah! I love my Jesus
Yeah! Yeah! I love my Jesus
Yeah! Yeah! I love my Jesus
Yeah! Yeah! I love my Jesus*

Eu sou de Cristo
Eu sou de Cristo, por Ele eu vivo

Entretanto, nas cidades paulistas, há maior incidência de uso da canção “Som da Liberdade”, do cantor DJ PV.

Som da Liberdade
(Intérprete: DJ PV. Letra: Ivair Filho)

Na minha liberdade!
Hey Ho chega mais, irmão!

Seguindo o mestre Jesus
Eu creio sempre na palavra dEle, pode crer
Tô com Ele e não importa o que acontecer
Só Ele me enche de amor e paz
Só Ele me satisfaz

Posso ouvir o som da liberdade vindo sobre nós
O som da vida do Espírito em mim
Posso ouvir o som de muitas correntes caindo ao chão
Pois antes morto agora eu vivo só por Ti
Na minha liberdade eu pulo e danço ao Senhor Deus
Na minha liberdade eu pulo e danço ao Senhor
Ôôô...

Agora livre sou
Cristo me libertou
Agora eu posso cantar
Aquela dor que eu tinha já passou
É uma nova história
Ele me deu vitória
Eu vou seguindo com fé
Eu sei, no fim vamos se ver na Glória
Não vou parar (não!)
Eu vou gritar (vou!)
Até o mundo (yeah, yeah)
Me escutar (uouu!)

No ambiente estrangeiro, os *flash mobs* parecem demonstrar maior interesse na temática da ressurreição e da volta de Jesus. Isso fica claro quando, no *flash mob* de Houston, Texas (EUA), ao finalizar a performance e iniciar o período de dispersão (Figura 3), o vídeo mostra que os participantes deixam para trás os tênis utilizados, e a cena nos remete ao signo do arrebatamento. Ao final do vídeo, há a informação que de os tênis utilizados foram doados a pessoas necessitadas.



Figura 4 - Foto: Reprodução. Os participantes do flash mob realizado em Houston, Texas (EUA) começam a se dispersar. Momento de (re)territorialização (vide Considerações Finais). Os participantes deixam os tênis usados no chão.



Figura 5 - Foto: Reprodução. Após o período de dispersão, a câmera foca nos tênis deixados pelos participantes do *flash mob*, em silêncio, por alguns segundos.

No cenário brasileiro, o enfoque é maior à liberdade, à atuação própria de pregar o evangelho (metadiscursividade) e à salvação. Ao fim do *flash mob* realizado no calçadão do bairro de Campo Grande, Rio de Janeiro/RJ, os participantes estendem uma faixa não tão desenvolvida com a frase “Jesus é a salvação” (Figura 6), sem inclusão de nomes de igrejas (o que era uma atitude esperada), centrando em Jesus a mensagem final do *flash mob*.



Figura 6 - Foto: Reprodução. No fim do *flash mob*, em Campo Grande, bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro, os participantes estendem faixa com a inscrição “Jesus é a salvação”.

Fato curioso é que o calçadão de Campo Grande já foi palco de diversas de *flash mobs* e por diferentes igrejas. Na edição da performance representada na Figura 6, três igrejas evangélicas de denominações diferentes participam da mobilização: Primeira Igreja Batista em Cosmos, Igreja Batista Celular Internacional e Assembleia de Deus do Bairro Amazonas em Vera Cruz, igrejas cujo raio de alcance para com o calçadão de Campo Grande se delimita em 25 quilômetros, em média.

Entre os *flash mobs* gospel localizados na internet, o Rio de Janeiro foi a única cidade encontrada cuja realização de uma performance tinha sido feita de forma conjunta entre diferentes igrejas evangélicas. Sob a efervescência de ir para a rua, é provável que grupos e igrejas evangélicas de outras cidades já tenham se reunido, assim como no Rio. Mas o fato de encontrar no ciberespaço essa exclusividade coloca o Rio em destaque muito pelo que foi apresentado na Introdução.

Apesar de compartilharem de costumes diferentes quanto à indumentária, a união das igrejas ali representadas no Rio de Janeiro marca bem o interesse comunicativo de anunciar as boas novas. Assim como na igreja primitiva, o contexto era de crentes transculturais⁶, as pessoas são de diversas classes sociais e culturas, todos trabalhando conjuntamente. Muda-se, talvez, a forma, mais tecnologizada, na pós-modernidade.

c) O *flash mob* na cultura gospel

Como o hibridismo gospel (CUNHA, 2008) colabora instantaneamente para o fluir do que hoje chamamos cultura gospel (CUNHA, 2008), a elaboração do termo *flash mob* gospel parece caracterizar de forma automática aqueles que são realizados pela igreja evangélica. O termo que era dedicado à música, exclusivamente em sua essência, passa a involucrar qualquer processo realizado por protestantes.

Essa conjuntura desponta na imagem de como cenário religioso evangélico no Brasil tem adquirido novas formas. Desvios aqui e ali, mas muitas das formas enunciativas pela/na cidade têm tido sucesso para comunicar o evangelho. O *flash mob* é uma delas.

⁶ BÍBLIA SAGRADA – Atos 2.9-11

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face ao exposto no decorrer do artigo, pode-se intuir que as igrejas evangélicas espalhadas pelo mundo têm sentido na última década necessidade de irem às ruas para comunicar o evangelho.

Flash mobs, marchas, peças teatrais etc podem congregam espaço na intenção comunicativa. Teóricos contemporâneos tendem a criticar as edições da Marcha para Jesus porque muitas delas se transformariam em palanque político, mas a essência semântica da mobilização pelas veias que tomam as ruas (as pessoas), se indagadas, se concentra em Jesus.

A rua é o espaço da religião. Para além dos intramuros religiosos, viver e conviver com o outro no extramuros é a possibilidade de garantir atenção à mensagem enunciada. Por isso, arte, música, tecnologia e dança se somam na equação cujo resultado final é a expectativa de que a comunicação das boas novas tenha sido efetiva. Outros segmentos como os católicos já despertaram para isso também, como os católicos na Jornada Mundial da Juventude Rio 2013, cujo encontro internacional suscitou uma oportunidade pluralizada de uma onda de *flash mobs* e outras mobilizações urbanas.

Diante da multiplicidade de iniciativas do gênero pelo país, corrobora-se a fala do sociólogo Michel Maffesoli, professor da Universidade de Sorbonne, que afirmou que o Brasil seria um “laboratório da pós-modernidade”. Além disso, são perceptíveis no ambiente citadino brasileiro – e, nesse caso, aplicável ao caso das ações das igrejas evangélicas –, a criatividade, a temporalidade focada no presente e o sentido de comunidade, compondo um retrato do *estar junto* brasileiro.

Apesar das inovações contemporâneas que somam arte à mensagem falada/cantada/vivida (*modus vivendi*), os primeiros crentes (Atos) – como bem lembra o pastor John Barnett, da Calvary Bible Church in Kalamazoo (Michigan/EUA) – também tinham as grandes cidades como alvo. Seu contexto era os centros urbanos: Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Filipos, Roma, Corinto.

Muda-se a forma, mas comunicar na cidade continua sendo um alvo a ser perseguido. No caso do *flash mob*, ocorre um processo triplo, como no caso das ruas-galerias

do Centro do Rio, pesquisadas pela Profa. Dra. Cintia SanMartin Fernandes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: territorialização – desterritorialização – (re)territorialização. Já dizia Heráclito de Efeso: “Não cruzarás o mesmo rio duas vezes, porque outras são as águas que correm nele”.

BIBLIOGRAFIA

BARNETT, John. *Trinta anos que mudaram o mundo*. In: _____. *Expedição missionária*. 5ª reimpressão, 2012. São José dos Campos (SP): Cristã Evangélica, 2007.

BÍBLIA. Edição Trilíngue. Bíblia Sagrada. Nueva Versión Internacional / New International Version / Nova Versão Internacional. Santo André – SP: Geográfica, 2010.

CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X/Instituto Mysterium, 2007.

EKKLESIA E SUA ETIMOLOGIA “CHAMADOS PARA FORA”. Disponível em <<http://iadrn.blogspot.com.br/2014/01/ekkleisia-e-sua-etimologia-chamados-para.html>> Acesso em julho de 2015.

FERNANDES, Cintia SanMartin; HERSCHMANN, Micael; MAIA, João (Orgs.). *Comunicações e territorialidades: Rio de Janeiro em cena*. São Paulo: Anadarco, 2012.

FLASH MOB GOSPEL. Disponível em <https://youtu.be/_1KDBYyh2s4> Acesso em julho de 2015.

FRANÇA, Victor Henrique Justino. *Comunicação, mídia e entretenimento na cibercultura: o gospel dentro e para além dos muros da igreja*. In: IX Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), 2014, Londrina, PR. Anais do IX Eclesiocom. São Bernardo: UMESP, 2014. v. 2.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. *Dicionário da Bíblia de Almeida*. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

LUCAS, Giovana Azevedo Pampanelli Lucas. *Muito barulho por nada? Flash mobs como forma de coesão social e apropriação do espaço urbano*. In: Revista Contemporânea, n. 4. 2005.1. UERJ.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Universidade Paulista, SP, 27/8/2015

RESURRECTION SUNDAY DANCE, BUDAPEST, HUNGARY. Disponível em
<<https://youtu.be/i5dSIL358NM>>. Acesso em julho de 2015.

VIEIRA, Isabela. *Brasil tem três chaves da pós-modernidade diz Maffesoli*. In: Cidade
Nova/Agência Brasil. Disponível em
<[http://www.cidadenova.org.br/editorial/informa/934-
brasil_tem_tres_chaves_da_pos_modernidad](http://www.cidadenova.org.br/editorial/informa/934-brasil_tem_tres_chaves_da_pos_modernidad)>. Acesso em julho de 2015..